
Comunicação, Gênero e Ficção Seriada: o poder dos afetos em *Amigas para Sempre*

Isabella Coelho Mol SANTOS¹

Lívia Werneck SILVA²

Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

RESUMO: O artigo analisa a série “*Amigas Para Sempre*” (2021 a 2023), lançada pela Netflix, que conta a história de Tully Hart e de Kate Mularkey, duas amigas de infância que se esforçam para manter a amizade ao longo da vida, mesmo frente aos desafios rotineiros. Situações da ficção que retratam a realidade referente aos padrões de dominação masculina (Bourdieu, 2002; Wolf, 1992; Avelar, 1989) e da ordem social vigente, como a rivalidade, os estereótipos e as comparações entre as mulheres. É desenvolvido um debate acerca da mídia e da luta feminina, ao entender como “*Amigas Para Sempre*” reproduz a lógica capitalista por meio de estratégias da Indústria Cultural (Adorno e Horkheimer, 2000), mas se constitui num produto cultural polissêmico aberto a recepções diferenciadas, bem como suscita o debate sobre a causa das mulheres (Kellner, 2001; Oliveira, 2023; Meimaridis, 2017).

Palavras-Chave: Amigas Para Sempre; ficção seriada; feminino.

1. Introdução

Baseada no livro homônimo da escritora norte-americana Kristin Hannah lançado em 2008, “*Amigas Para Sempre*” chegou na Netflix em 2021 e, com duas temporadas e 26 episódios, encerrou-se em 2023. O produto conta a história de duas amigas de infância, Tully Hart (interpretada por Katherine Heigl) e Kate Mularkey (vivida pela atriz Sarah Chalke), que

¹ Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo e Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq), coordenado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPE), do projeto “Comunicação, Gênero e Identidade: uma análise do seriado *Anne with E*”, da Netflix, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), orientado pelo professor Dr. Luiz Ademir de Oliveira. E-mail: coelho640@gmail.com.

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo e Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Iniciação Científica, financiado pela Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), coordenado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPE), do projeto “Comunicação Eleitoral, Redes Sociais: uma análise das estratégias dos candidatos Romeu Zema (Novo) e Alexandre Kalil (PSD) na disputa pelo governo de Minas Gerais em 2022, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), orientado pelo professor Dr. Luiz Ademir de Oliveira. E-mail: livia379@hotmail.com.

³ Mestre e Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, mestre em Comunicação Social pela UFMG, Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFJF, atualmente é Bolsista de Produtividade do CNPq – Nível 2 (2023 a 2026), docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura (PROMEL) e do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: luizoli@ufs.edu.br.

se conheceram ainda jovens na pequena cidade em que viviam e que desbravaram a vida lado a lado. O enredo central da trama é a amizade, a cumplicidade e os fortes laços afetivos de mais de trinta anos criados entre as duas, que, num drama, oscilam entre momentos de felicidades, conquistas, períodos de turbulência e até rompimentos com reaproximações em cenas carregadas de emoção. Juntas, elas precisam aprender a se respeitar e a manterem-se unidas, mesmo quando, individualmente, passam por grandes mudanças - o que se mostra difícil e, em algumas vezes, doloroso.

Feita para um público adulto e sendo um retrato da vida real, “Amigas Para Sempre” é uma série leve e tranquila, que levanta reflexões sobre o poder de se ter uma companhia ao longo da trajetória, mas também sobre as dificuldades da vida de milhões de mulheres, quando se aproxima de um tom mais realista. Juntas, Tully e Kate vivem os desafios comuns a mulheres ao longo de uma vida, a começar pela adolescência, o que gera identificação com o público feminino que assiste aos episódios. Da cumplicidade e da insegurança na adolescência, os primeiros desafios da vida adulta - na esfera dos relacionamentos e na vida profissional até as decisões que são obrigadas a tomar, que dizem muito sobre o universo feminino.

Entre as decisões, a de ter filhos e trabalhar ou não, a escolha de não ser mãe e "pagar um preço pela atitude", as crises de autoestima, os fantasmas do passado que assombram a vida adulta são questões que aparecem ao longo da série, fazendo com que a vida das personagens se aproxime mais do cotidiano de milhões de mulheres em seus dilemas. Como aponta Beauvoir (1980), no livro “O segundo sexo”, não se nasce mulher, mas torna-se mulher. Sem um enredo que dialogue com os feminismos, o seriado fala desta construção diária de ser mulher numa sociedade machista.

Outrossim, tratando-se de uma sociedade hiper midiaticizada, como a do século XXI, entende-se que a mídia é o atual mecanismo por meio do qual os indivíduos inseridos no tecnocapitalismo (neologismo que associa o capitalismo aos avanços tecnológicos) extraem as suas orientações identitárias, portanto, é capaz de moldar os seus pensamentos, crenças e atitudes (Thompson, 2013). Assim, o presente artigo analisa o modo como produtos audiovisuais são capazes de transformar, através de mensagens positivas e de resistência, a vida das pessoas. Nesse caso, através da transmissão de ideias que propagam a resistência feminina e a luta contra o patriarcado e a dominação masculina (Bourdieu, 2002), as quais tentam criar empecilhos para a aproximação das mulheres. Além disso, a série “Amigas Para

Sempre” foi analisada pelo viés da sua condição como o produto da serialização de materiais, proveniente da ficção seriada.

2. Comunicação, Gênero e Identidade Feminina

Conforme aponta Bourdieu (2002), a dominação masculina é uma construção social propositalmente planejada para diminuir as mulheres e as terem sob controle, a partir de uma imposição de poder que se apresenta como naturalizado. Trata-se do que o autor chama de violência simbólica ao se referir, por exemplo, que cabe à mulher conciliar tarefas domésticas, o papel de mãe e um espaço no mercado de trabalho, como se aos homens o universo do lar fosse apenas de aconchego e prazer. Ela é tão potente que é capaz de atuar em todos os âmbitos da vida social, determinando a divisão de trabalhos, rituais e atividades dos cidadãos, além de impor condições que determinarão as suas vidas.

Parte-se da concepção de que fenômeno causador das crenças desiguais entre gêneros, que permite a dominação masculina, é a socialização, tendo em vista que o ser humano não nasce membro da sociedade, mas é inserido nela por meio do aprendizado de regras, comportamentos e valores, passando a reconhecer o lugar que ocupa no mundo. (Berger e Luckmann, 2007). Ademais, Avelar (1989) explica que, na socialização, há uma hierarquização e distribuição de valores que são diferentes conforme o gênero do indivíduo e fornecem elementos fundamentais à formação da sua personalidade. Às garotas transmitem-se valores com maior foco na dependência, obediência e ênfase no comportamento maternal, relativos à emoção e ao ambiente privado. Quanto aos garotos, são reforçados valores como independência, poder e importância do desempenho, relativos à razão e ao espaço público.

A mídia serve, muitas vezes, de palco para a violência simbólica, pois tende a refletir as relações de poder ao comparar constantemente as “naturezas” femininas e masculinas. Propaga, de forma recorrente, informações de descrédito ao desempenho das mulheres na vida política, baseadas nos estereótipos impostos pela dominação masculina e repercutindo o mito da beleza. Wolf (1992), no seu livro “O mito da beleza”, discute que, para garantir a sua identidade feminina, a mulher precisa apresentar-se sempre bela. Segundo a autora, o excesso de peso, ao mesmo tempo que a extrema magreza, é uma preocupação constante para elas, especialmente na velhice. Ela reforça que não há nenhuma justificativa legítima para o mito, e sim que ele é fruto da estrutura econômica vigente, a qual tenta instintivamente criar uma

ofensiva contra as mulheres. O mito, então, faz com que elas desconfiem e comparem umas às outras com base em suas aparências, o que contribui para que elas se isolem e não sejam capazes de formar uma luta, e cria a rivalidade feminina. Em geral, os homens criam ambientes de trabalhos opressivos, na intenção de desenvolver nas mulheres características como redução do amor próprio, a falta de ambição, o maior respeito pelos homens do que pelas mulheres e falta de controle sobre as próprias vidas. Na maior parte de suas ocupações, precisam conciliar o tempo do trabalho com os cuidados da casa, dos filhos, além da cobrança sobre os padrões de beleza.

Torna-se interessante, portanto, criar um repertório que investigue e priorize a causa feminina, ao examinar audiovisuais - e a Comunicação em geral - que possam contribuir para a luta diárias das mulheres. Isso porque Wolf (1992) discute que apoiar a sindicalização da mão de obra feminina, lutar contra a coação da beleza no mercado de trabalho e pela melhoria das condições do mesmo é uma forma de lutar contra a dominação masculina.

3. Mídia, TV e Ficção Seriada

Ao tratar do seriado “Amigas para sempre”, precisamos entender como os modelos de mídia, de TV e ficção seriada se consolidaram e sofreram mudanças ao longo das últimas décadas, desde a hegemonia da televisão aberta dos anos 70 aos anos 90 (modelo *broadcasting*), passando pela concorrência dos canais da TV Paga nos anos 90 (modelo *narrowcasting*) até se chegar hoje ao grande poder dos canais de streaming (*on demand*), conforme aponta Meimaridis (2017). Isso remete ao fato de que a comunicação deve ser entendida na sua interface com o contexto social, conforme aponta Thompson (2013). Para o autor, a comunicação sempre foi um elemento essencial no desenvolvimento humano e um aspecto central da sua vida social. Nesse sentido, ele relata que a comunicação é uma atividade social, uma forma de ação, a qual envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas, inseridas dentro de contextos sociais que as proporcionam diferentes inclinações, crenças, oportunidades e poderes, e não somente o relato de algum evento. A própria comunicação é dotada de poder, no caso, de poder simbólico, que está intimamente relacionado à capacidade de alcançar objetivos e de intervir no curso dos acontecimentos. Isso ocorre, porque está presente na produção, na transmissão e na recepção das formas simbólicas - aquelas utilizadas para expressão de si mesmos pelos indivíduos, as quais são fundamentais para a vida social.

Segundo Oliveira et al (2023), a mídia, que antes ocupava um espaço central na vida social, hoje está presente no cotidiano dos indivíduos de tal forma que altera a lógica de funcionamento da sociedade, que, por isso, vai de uma “sociedade dos meios” para uma “sociedade midiaticizada”. Neste sentido, ao citar Hjarvard (2012), os autores explicam que a mídia para de ser vista como separada de outras instituições importantes para a sociedade, como a família, a cultura e a religião. Isto porque ela as altera, fazendo com que tais outras precisem se adaptar à sua lógica para sobreviverem.

Nesse viés, destacam-se os Estudos Culturais que têm como um dos precursores o sociólogo e teórico da comunicação e da cultura, Raymond Williams. Emergindo nos anos 50 na Inglaterra e tendo se consolidado a partir dos anos 70 como um campo teórico e metodológico multidisciplinar, entende-se que é necessário não somente estudar as chamadas culturas eruditas, mas também as das classes minoritárias. Nesse cenário, compreendem-se as mídias como espaços de disputas simbólicas em que grupos contra hegemônicos podem construir formas de resistência. Assim, os Estudos Culturais articulam as ideologias, os valores e as representações do sexo, raça e classe na sociedade, e como esses fenômenos se relacionam entre si. Para Kellner (2001), os produtos da indústria cultural são vistos como modeladores de paradigmas da vida cotidiana, já que eles têm o papel de definir identidades e os valores que permeiam a vida das pessoas. Criam, assim, repertórios culturais dos quais o indivíduo, situado na sociedade tecnocapitalista, extrai suas orientações identitárias.

Nesse cenário, a televisão ganhou grande destaque nas palavras de Thompson (1998), devido à sua característica diferencial de unir tanto o áudio quanto o vídeo em seus conteúdos, permitindo que as características da interação face a face e da mediada sejam expostas, representadas, nos programas transmitidos, unindo-as em um único lugar. Ainda assim, há um discurso de que ela é um meio de comunicação naturalmente hegemônico, o qual produz formações sociais e formas de subjetivação, que surgiu na segunda metade do século XX.

Machado (2005) afirma que as pessoas falam de televisão sem saber exatamente do que estão falando. Ele explica que a população foi acostumada a enxergá-la como um meio de comunicação popular, no sentido ruim e isso faz com que deixe de notar as experiências “poderosas, singulares e fundamentais” que definem a TV como um fenômeno cultural importante, tais como o conglomerado de obras criativas que ela acumula. Apesar da resistência inicial, a televisão ganhou cada vez mais espaço, tendo se tornado um meio

multiplataforma, tendo suas margens ultrapassadas para além do aparelho televisivo em si. Sendo assim, ela caminhou para ter legitimidade e ser vista como um meio de comunicação crucial, o qual se diferencia da literatura e do cinema, que carrega características próprias (Meimaridis, 2017).

Com o início dos anos 80 até os anos 2000, novos avanços tecnológicos possibilitaram a transmissão televisiva a cabo, o surgimento de novas emissoras e de canais de streaming, a criação do controle remoto e dos videocassetes, que transformaram o modo de se ver televisão. Isso porque esses aparelhos permitiram a maior disponibilidade e variedade de conteúdos, além do “*channel surfing*”, isto é, a possibilidade de variar entre os canais através do controle, e das bibliotecas de filmes e séries, graças aos DVD’s e aos videocassetes, permitindo que a audiência os consumisse fora do horário televisivo.

Com isso, o espectador passou a ter mais poder sobre o conteúdo que assistia, enquanto os produtores passaram a criar novas estratégias para impedir que os receptores trocassem de canal durante o intervalo comercial. Significou o declínio do “domínio das networks” nesse período e conseqüentemente o declínio da lógica do broadcasting” (Mittel, 2009 *apud* Meimaridis, 2017, p. 34). Em contrapartida, as emissoras começaram a criar programas segmentados, para nichos do mercado, dando início à era do “*narrowcasting*”. Nos anos 2000, com a web 2.0 e o surgimento dos canais de streaming, passa a ter o modelo “on demand”, em que há uma forte interatividade com o público, que pode escolher a plataforma, quando assistir, como assistir, apontando para novos modelos de consumo dos produtos midiáticos.

A televisão não criou, entretanto, a forma seriada de narrativa, a “ficção seriada”, mas a aperfeiçoou a fim de atender uma lógica mais industrial. Isso porque ela já existia, por exemplo, na literatura. Devido à necessidade de alimentar uma programação ininterrupta de materiais audiovisuais, a tv apostou na produção de larga escala dos produtos, na qual a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra. Segundo Machado (2005), a serialização refere-se a um conjunto de sequências sintagmáticas que se baseiam na alternância desigual. Nesse sentido, “cada novo episódio repete um conjunto de elementos já conhecidos e que fazem parte do repertório do receptor, ao mesmo tempo em que introduz algumas variantes ou até mesmo elementos novos” (Machado, 2005, p.89).

Quanto à estrutura das narrativas seriadas, segundo Machado (2005), existem três tipos principais tanto na TV como nos canais de streaming. O primeiro conta com uma

construção teleológica: há uma única narrativa, ou várias entrelaçadas e paralelas, que se sucedem linearmente, em geral, ao longo de todos os capítulos. Essa construção resume fundamentalmente um ou mais conflitos básicos, que estabelecem já no início um desequilíbrio estrutural e a evolução posterior dos acontecimentos se resume no empenho para restabelecer o equilíbrio perdido. Normalmente isso só é alcançado nos últimos episódios. Este é o caso dos teledramas, telenovelas e alguns tipos de séries e minisséries. Está presente em séries como *Amigas para Sempre*, *Anne With an E*, *Grey 's Anatomy*, *Bridgerton*, entre outros.

Há o segundo modelo, em que cada episódio é uma história completa e autônoma, com começo, meio e fim, e o que se repete no episódio seguinte são apenas os mesmos personagens principais e uma mesma situação narrativa. Por fim, o último modelo em que a única coisa que se preserva nos episódios é o espírito geral das histórias, ou a temática.

4. Estudo de caso: análise das representações femininas no seriado “Amigas Para Sempre”

4.1. Metodologia e *Corpus* de Análise

Como procedimentos metodológicos, foram adotados: (a) pesquisa bibliográfica com a revisão de literatura sobre gênero, mídia e ficção seriada; (b) pesquisa documental, com a coleta dos episódios da série “Amigas para Sempre”, na Netflix; (c) Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Entende-se que a análise do conteúdo das séries permite investigar quais os principais assuntos abordados sob o parâmetro da construção de personagens femininas bem como se efetiva formas de dominação masculina, além de permitir um diálogo com as teorias da Comunicação. O estudo tem como objeto de investigação o seriado "Amigas para sempre", lançado pela Netflix em 2021.

4.2. O seriado “Amigas para sempre”

Tully e Kate sonharam juntas uma vida futura, mas seguiram caminhos distintos na prática. A primeira tornou-se uma famosa repórter de televisão, ganhando o seu próprio programa, enquanto a segunda, apesar de ter trabalhado como diretora televisiva, casou-se e deixou o trabalho para cuidar da filha, Marah (vivida por Yael Yurman). Ainda assim, as duas não perderam a amizade, sendo as âncoras uma da outra. O ponto de partida da série é,

contudo, novos desafios na vida das duas. Kate separa-se do seu marido, Johnny, e decide voltar ao mercado de trabalho, agora que Marah é adolescente. Enquanto isso, Tully passa por dificuldades em sua vida pessoal e na sua carreira, perdendo o seu show.

Para mais, a narrativa da série é não linear, ao passo que as cenas se revezam entre a vida das amigas enquanto elas eram adolescentes aspirando por novas coisas e morando na pequena cidade, e anos depois, adultas, com suas vidas construídas. Outrossim, a relação das protagonistas é completamente estereotipada, isso porque, enquanto crescem, Tully destaca-se pela sua beleza e pela sua popularidade, contudo, devido ao pai ausente e a mãe viciada em drogas, ela sente-se muitas vezes infeliz, ao passo que Kate demonstra-se tímida, ainda que muito imaginativa e sonhadora, mas possui uma família estável e atenciosa. Percebe-se que as duas comparam-se ao longo dos episódios, quando, na verdade, almejam profundamente o que a outra tem. Por isso, a série cria um cenário perfeito para uma relação que poderia se tornar uma grande rivalidade, mas mostra que não precisa ser assim.

Enquanto, por um lado, há uma disputa e um rancor não pronunciado entre as amigas por causa de Jhonny (interpretado pelo ator Jon-Michael Ecker), por outro Tully, muitas vezes, sente-se deixada de fora quando o assunto é Marah, ainda que essa seja a sua afilhada, por considerar que Kate não acredita que a primeira seja madura o suficiente, uma vez que têm vidas diferentes. Em contrapartida, Kate, algumas vezes, sente-se frustrada pelo sucesso da amiga, em comparação com o seu, o qual ela vê como uma falha.

Sendo assim, a partir da representação de tais conflitos do cotidiano e dos dilemas da mulher na era moderna em que se busca conciliar a carreira profissional com a vida pessoal, muitas vezes, de esposa e mãe, “Amigas Para Sempre” apresenta-se como uma série que transita bem entre a ficção e realidade, ao tratar das lutas decorrentes da dominação masculina na vida das mulheres, mesmo que tratadas de forma sutil e sem o olhar mais engajado feminista. Um dos méritos da série é retratar, em meio a tantos produtos audiovisuais, os laços de afeto, de cumplicidade entre duas mulheres, construídos desde a infância e que se estendem até momentos mais tensos e duros da vida adulta, levando a um desfecho trágico, com a doença e morte de uma das personagens na segunda temporada.

“Amigas Para Sempre” está inserida no contexto da serialização dos produtos culturais, o que é uma das marcas da indústria cultural, conforme apontam Adorno e Horkheimer (2000). Como forma de prender a atenção do público e de criar ganchos dramáticos de um episódio para outro, a ficção seriada tornou-se um dos segmentos mais

lucrativos e de maior audiência junto ao público, por buscar conectar fatos, o enredo dos personagens, num processo permanente que instiga a projeção e identificação por parte do público. As mulheres, no caso analisado, se veem em muitos momentos vividos por Tully e Kate. No limiar da ficção com a realidade, os seriados permitem esta criação de vínculos afetivos com a própria história que se passa na tela (Morin, 1997).

Ademais, “Amigas Para Sempre” é o resultado da padronização de obras sobre o cotidiano e sobre a vida adulta, que tem sido explorado na cultura das mídias, tanto pela lógica do entretenimento, pelo viés mercadológico, mas também por suscitar reflexões. Similar ao seriado, existem outras também bem-sucedidas nos canais de streaming, com enredos um pouco diferentes, tais como “Doces Magnólias” (2020) e “Virgin River” (2019), ambas produzidas pela Netflix.

Mesmo assim, é importante destacar que, ainda que se sobressaia em meio ao padrão, “Amigas Para Sempre” é produto da Indústria Cultural e, por isso, é mais uma carta no jogo financeiro das indústrias, que utilizam da cultura como mais uma forma de capitalização, transformando os bens simbólicos em peças para o mercado. Os novos produtos seguem uma padronização, podendo trazer algumas inovações, que passaram a serem incorporadas ao modelo e ao gênero, reproduzindo a lógica de manter a repetição, que o torna familiar ao público. Isso reduz as possibilidades de obras mais criativas que possam gerar maior desconforto no público, porém serem mais reflexivas e artísticas. Entretanto, levanta-se aqui a ideia de que a série analisada é capaz de, mesmo assim, enviar uma mensagem diferente para os espectadores - a de luta contra as tentativas de dominação masculina, através da demonstração da força que pode ter uma amizade feminina, a qual é dificultada propositalmente pelo sistema machista.

A primeira temporada mostra o início da vida de Tully, que vive a infância morando com a sua avó, devido aos problemas do vício de sua mãe, Dorothy. Entretanto, quando a menina entra na adolescência, a sua mãe reaparece e decide levá-la para viver consigo, momento em que a menina conhece Kate, sua vizinha, e a sua família. Kate, por sua vez, tem poucos amigos e se sente solitária, identificando-se rapidamente com a nova moradora, que estuda na mesma escola que ela.

Ao chegar no local, entretanto, Tully envolve-se com pessoas mal-intencionadas e até criminosas. Após embriagar-se em uma festa em que foi com o garoto com que estava saindo, foi vítima de um estupro. O menino insiste no ato, ainda que ela implore para que ele pare

com aquilo, o que marca a vida da menina e causa uma série de preocupações, receios e raiva. Vê-se aqui o que acontece todos os dias com milhões de mulheres e que parte do fato da crença masculina de que tem poder, vantagens e controle sobre o corpo da mulher, ignorando as suas opiniões e desejos. Aqui, percebe-se que o episódio na ficção remete a uma triste realidade dos altos índices de violência contra as mulheres, inclusive no Brasil.⁴

Após o episódio do estupro, Tully fecha-se para com as outras pessoas, mas acaba conhecendo Kate, que a admirava, principalmente, a sua habilidade para fazer amigos e conhecer garotos, sem imaginar nas situações constrangedoras e até violentas que Tully já tinha passado. Ultrapassando as impressões originais de cada uma, as duas acabam se tornando melhores amigas e vivendo os próximos anos de suas vidas lado a lado, ainda que, em alguns momentos, as inseguranças e as comparações voltem a aparecer.

Em contrapartida, os anos passam, as duas cursam jornalismo e vão parar no mesmo emprego, que Tully consegue para si e para Kate. Logo de início, Kate interessa-se por Johnny, que fica atraído por Tully nos dois primeiros anos da relação deles. Porém, após uma viagem a El Salvador como repórter e tendo visto as dificuldades das pessoas lá, o personagem volta repensando a sua vida e o seu emprego, quando ele e a loira se aproximam. Johnny, bêbado e após horas de conversa, pede um beijo para Kate, mas ela o nega, dizendo que deveria pedir de novo quando estivesse sóbrio. Mas ele não se lembra da conversa no dia seguinte e, mudando completamente o seu comportamento, dorme com Tully.

As duas, contudo, moram na mesma casa e Kate ouve tudo do seu quarto. No dia seguinte, ela demonstra-se chateada e Tully se arrepende do que fez, por perceber que a amiga ainda gostava do rapaz. Mesmo a irresponsabilidade tendo sido do homem, que deu em cima das duas amigas, ao passo em que Tully não sabia do sentimento da outra, a briga recai sobre a mulher, já que, na sociedade patriarcal, é sempre ela a culpada.

⁴ No Brasil, os dados sobre a violência contra a mulher são muito elevados, desde situações de agressões na esfera doméstica, até estupros e feminicídios. A notícia “A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência. Dados contabilizam casos de 2023 em oito estados brasileiros”, de Ana Cristina Campos (2023), da Agência Brasil, publicada em 07 de março de 2024, informa que, em 2023, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência doméstica a cada 24 horas em oito estados (BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ, SP), o que significa que os números no país são muito mais elevados. Deve-se mencionar ainda que muitos casos são silenciados ou subnotificados até pelas ameaças que são impostas às mulheres, principalmente, em situações de vulnerabilidade social. Ao todo, foram registradas 3.181 mulheres vítimas de violência, um aumento de 22,04% em relação a 2022. Houve o registro de 586 vítimas de feminicídios. CAMPOS, Ana Cristina. A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência”. Agência Brasil, 07 de março de 2024. Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia>. Acesso em 08 de junho de 2024.

Simultaneamente, ao cobrir uma reportagem de assalto em uma loja, Tully leva um tiro. As duas fazem as pazes frente ao ocorrido, ao mesmo tempo em que a primeira começa a chamar atenção pelo seu jornalismo de outras emissoras. Tempos depois, Kate e Johnny reencontram-se no casamento do irmão dela e a personagem relembra o que aconteceu na noite da qual o homem se esqueceu, questionando-o. Johnny argumenta que sempre achou Kate “boa demais” para ficar com ele, tentando justificar o seu comportamento desrespeitoso.

Kate perdoa Johnny e os dois vão se aproximando ao longo da temporada, futuramente casando-se e tendo uma filha, a Marah. Entretanto, muitos anos depois, o homem pede o divórcio e decide ir para o Iraque, na intenção de seguir as suas aspirações profissionais. Abalada, Kate, que tenta salvar o casamento, mas não vê mais o interesse do marido nela, não tem outra saída e, após a separação, decide voltar a trabalhar. Ainda assim, quando Kate se aproxima de outro homem algum tempo depois, Johnny, enciumado, o agride, mesmo tendo sido dele a decisão de partir, o que mostra que ele via a ex esposa como sua propriedade, com a qual ele poderia brincar - após o envelhecimento da mulher, ele não a via mais como o suficiente, mas ainda sentia que ela pertencia a ele.

Os dois conversam e percebem que ainda se amam e que querem ficar juntos, mas reforçando mais uma vez que tem outras prioridades e colocando-se como o mais importante da relação, o homem pede que a mulher espere por ele, porque está decidido a ir para o Iraque. Kate, contudo, se cansa e decide que é o final com o marido.

Por outro lado, Tully foca no desenvolvimento da sua carreira, vivendo diversos namoros sem conseguir se apegar a nenhum, o que pode ser reflexo direto do abuso que sofreu na adolescência. O seu show está fazendo muito sucesso e ela é famosa na cidade, conquista um patrimônio financeiro e reconhecimento pela profissão. Vê-se aqui a tendência que a dominação masculina posta nas vidas das mulheres, ao passo em que, as que se dedicam fielmente às suas carreiras, costumam “pagar” com faltas em casa e nos relacionamentos (Bourdieu, 2002).

Tully, prosseguindo, conhece um rapaz, mas não quer ter um relacionamento sério, o que ele quer, e o deixa, mas, algum tempo depois, descobre que está grávida e os dois reatam. Entretanto, em um triste episódio, ela aborta o bebê. A mulher sofre profundamente com a situação, assim como fazem e vivem muitas mulheres em suas casas. Depois disso, o casamento, que ocorreu de forma repentina, acaba se desfazendo rapidamente. Frustrada, ela pede para que ele vá embora e diz que o casamento foi um erro.

Em meio a tudo isso, uma jornalista decide caçar o passado de Tully para manchar a sua reputação e descobre que a mãe dela, a qual ela sempre disse estar morta, está viva, pintando-a como uma vilã insensível. Aqui, nota-se que, quando a mulher não “obedece” às imposições de que ela deve ser sentimental e unir-se à família, ela é profundamente criticada pela sociedade. No mesmo período, Tully decide fazer um episódio do seu show em que fala com mulheres que também já sofreram abortos. Por causa de tudo isto, ou seja, de desafiar o sistema, ela é culpada e precisa pagar, perdendo a audiência do programa.

Outra produtora tenta comprá-lo, mas Tully percebe que o dirigente dela é Wilson, um homem que já tinha conhecido antes e que trabalhava impondo condições abusivas. Ele ofereceria o show para ela, caso ela dormisse com ele, o que já tinha sugerido antes. Tully rejeita, mas, na vida real, sabe-se que muitas mulheres não podem rejeitar e são sujeitas a tais abusos propagados por homens que se sentem na posição de privilégio e de dominação.

A segunda temporada começa com uma tragédia vivida após uma explosão no Iraque, em que Johnny se fere. O homem volta a morar com Kate, sem reatarem, enquanto se cura do trauma físico e psicológico, mas leva a nova namorada, Charlie, para dentro da casa da ex-mulher. Esta trabalhava com os dois na emissora e dava em cima do homem desde o passado, mostrando que não tinha respeito nenhum com a outra mulher na situação, Kate. No final das contas, Kate e Johnny reatam o relacionamento, após diversas dificuldades e percalços.

Tully, em contrapartida, está sendo processada por ter deixado o contrato que tinha com o seu programa. Além disso, ela se muda de apartamento, chama a sua mãe para morar com ela e começa a trabalhar com a internet. Wilson, o produtor, reencontra-se com a mulher e, devido a perda da audiência, oferece a ela o programa de volta. Mas, determinada, ela blefa dizendo que não voltará, uma vez que conseguiu depoimentos de outras mulheres que irão depor contra ele e o expor, as quais também sofreram abusos, revelando que aquilo era um padrão do homem. Ameaçado, ele desiste do processo.

A mulher, além disso, inicia um documentário para ir em busca de seu pai, o qual nunca conheceu. Contudo, ela descobre que o homem tinha morrido e que ele e Dorothy tinham sido enganados pela sua família: cada um dos dois recebeu uma carta de abandono do outro, a qual tinha sido feita pelo irmão do homem, para que não ficassem juntos. Por ser pobre, ele considerou que Dorothy não era boa o suficiente para entrar na família, mostrando

aqui também o julgamento de classe, além da presença da dominação masculina - um homem acreditando que tem o poder de mudar, simplesmente porque quer, a vida de uma mulher.

No meio de tudo isso, Kate e Johnny viajam e Marah, a filha deles, fica com Tully a madrinha permite que a garota saia com os amigos, mas quando vai buscá-la, após ter tomado uma taça de vinho, sofrem um pequeno acidente de carro. Devido ao acontecido, Tully e Kate passam meses brigadas, porque a primeira acredita que a amiga foi irresponsável e não permite nenhum tipo de aproximação da outra que por seu lado, se sente frustrada e diz que a amiga nunca achou que ela era boa o bastante.

Enquanto isso, Tully nota que o seu vizinho é Dany, relacionamento que teve no passado, e, aos poucos, os dois se envolvem e voltam a se gostar. Contudo, ele está noivo de outra mulher. Nesse meio tempo, Kate perde o pai e não gosta de ver Tully no enterro, reforçando que era a família da primeira e não da outra. Tully então volta para a casa em que cresceu, quando foi vizinha de Kate, e a reforma, ao passo que a loira começa a estudar escrita criativa. Depois de mais de ano sem falar com a amiga, Tully aceita um emprego na Antártida, na intenção de se afastar e de se curar, além de retomar a sua carreira, a qual tinha sido interrompida devido às duras críticas que ela sofrera da mídia após o acidente. Kate, todavia, sente falta da amiga e para mais, descobre que está com câncer de mama raro e agressivo. Desesperada, ela corre atrás de Tully, mas a mulher já tinha se mudado.

Kate enfrenta a luta vivida por tantas mulheres e sofre com a perda do cabelo, as dores ao enxergar o corpo que está mudando e a falta de interesse pela sua aparência, quando se sente até envergonhada de ser vista por Jhonny. Revela-se aqui o que quase todas as mulheres sentem ao verem-se envelhecer e ao acreditar que não são mais belas, sendo esse o “trabalho” imposto a elas pela sociedade. Kate começa a escrever um livro para deixar para Marah, contando mais sobre quem ela é e, em algum momento, ela e Tully se reencontram. Kate se casa novamente com Jhonny e Tully e Dany ficam juntos, quando ela realmente se abre para algum homem e confia. Tristemente, Kate falece nos últimos episódios, deixando seus amigos e sua família. Deve-se ressaltar aqui, a partir do debate de Wolf (1992), como, de uma forma geral, a imposição de padrões de beleza servem para aprisionar as mulheres, enquanto os homens sentem-se livres de tais imposições culturais. Isso repercute até mesmo quando se enfrenta situações em que há um claro adoecimento dos corpos, como no caso de câncer de mama.

A mensagem que a série passa, entre outras, são os percalços de uma amizade, especialmente entre mulheres, as quais são constantemente dificultadas pelos homens e pelo sistema machista, opressor e patriarcal, mas também o poder desses afetos: o apoio quando necessário, após traumas, perdas e dificuldades; os conselhos ao longo da vida; a identificação que só se pode alcançar com alguém que te entende como mulher e a liberdade de ser sincera e de poder ancorar em alguém como sua amiga - o poder da verdadeira cumplicidade, a qual, esta sim, deveria ser procurada e é possível, ao contrário da propagação de rivalidades que causam apenas sofrimento.

Ao longo de situações sejam triviais do cotidiano, das conversas entre amigas, dos relacionamentos, passando pelos dilemas da vida profissional, até as mais complexas, como a violência contra a mulher (o caso do estupro) e a dificuldade em lidar com as cobranças em meio a tantas tarefas e desafios impostos ao mundo feminino, o seriado suscita ricos debates sobre a desigualdade de gênero, as imposições da cultura sobre a estética e o corpo das mulheres bem como as dificuldades de manter laços afetivos sólidos numa sociedade que estimula a competição. Isso, sem dúvida, são cenas ficcionais que dialogam com os argumentos teóricos de Beauvoir (1980), Avelar (1987), Bourdieu (2002).

5. Considerações Finais

Mesmo não sendo um seriado que tenha como foco inserir um debate sobre o papel da mulher na contemporaneidade, “Amigas para sempre”, de forma leve, gera reflexões importantes sobre os dilemas da mulher na era moderna, tendo em vista a sociedade machista que demarca espaços diferenciados para homens e mulheres. Ao retratar, em diversos momentos das vidas das personagens, as nuances do feminino, constitui-se num rico produto midiático que permite entender a complexidade que marca as identidades no mundo atual, e que tem um caráter transformador, ao alcançar o público jovem e adulto, e possibilitar novas percepções acerca do que é considerado socialmente “normal”, as quais dizem respeito das possibilidades da mulher e da força da resistência contra o sistema opressor.

Além disso, ao optar por não trazer uma sequência linear, com a recorrência a flashbacks, que dialoga com momentos da infância e da adolescência, o seriado busca envolver o espectador na trama, a partir de mecanismos que acionam a projeção e a identificação, em especial para o público feminino. É possível colocar-se, em vários momentos, no lugar das personagens, o que mostra a força da narrativa.

Nesse sentido, há um forte caráter mercadológico, não somente na série “Amigas para sempre”, mas no vasto leque de produções que focam em dramas voltados para retratar os dilemas da mulher moderna. Isso reforça a visão frankfurtiana sobre a padronização, os estereótipos e como há um sistema harmônico, que faz com que novas formas de consumo fortaleçam o poder da indústria cultural. No entanto, é possível estabelecer conexões com os Estudos Culturais, por entender que, mesmo nos produtos da indústria cultural, há espaço para reflexões, para se pensar no papel da mulher na sociedade.

6. Referências

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. “Indústria cultural. O Iluminismo como mistificação das massas”. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.169-214.

AVELAR, Lúcia. **O Segundo Eleitorado**: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2. ed., 1989.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade - Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, Vozes, 27ª ed., 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias**. São Carlos: EDUSC, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

MEIMARIDIS, Melina. **Dissecando a estrutura dos narrativos seriados médicos americanos**. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. Niterói, 2017.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: O Espírito do Tempo, Neurose. 9. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

OLIVEIRA, L.A.; FERNANDES, C.M.; BOTELHO, M. A.; ANTONIOLI, A.F.de S. Ciberfeminismos em tempos de pandemia. Uma análise de redes e práticas a partir do *Twitter*. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v.9, n.1, p.172-198, 2023.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **Anais do VI Congresso Sopcom**. 2009. p. 6-7.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.